



&lt; ANT.

SEMANÁRIO 31.10.2025

PRÓX. &gt;



Por



Iberdrola Soluções de energia verde Saiba Mais

Exclusivo

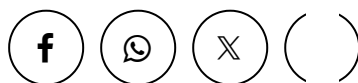
EXPOSIÇÕES

# Exposições: A moderna natureza morta de Tiago Baptista



O esplendor da pintura "Situação Amarela" e um relevo, "Concha-mão" Bruno Lopes

## O invisível trânsito das coisas numa exposição de Tiago Baptista na galeria 3+1, em Lisboa



30 OUTUBRO 2025 22:57



**José Luís Porfírio**  
Crítico de arte

**H**á exposições que definem territórios e, dentro deles, viagens possíveis; esta evocação do chorar da pedra por Tiago Baptista define uns e outras, isto em duas etapas claras que são outros tantos espaços.

O primeiro espaço, correspondendo à entrada da galeria, aberta a uma forte luz natural, é o lugar de um imediato diálogo entre as sempre ilusórias duas dimensões de nove pequenas pinturas — oscilando entre os 24x18 e os 24x30 cm e terminando numa um pouco maior 30x40 cm — e cinco esculturas filiformes suspensas da cobertura da sala mas que se veem como se estivessem a libertar-se do chão; longas, entre os 290 cm e os 362 cm, todas elas são figurações possíveis de canas, com seus folhados, invadidas por cogumelos e caracóis ou insólitas vagens contendo pedras no lugar dos feijões.



A PEDRA CHORONA

**Tiago Baptista**

Galeria 3+1, Lisboa, até 9 de novembro

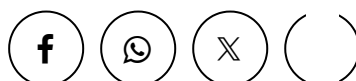
A pedra, a rocha, o fóssil são uma constante numa pintura que evoca uma vida lenta e uma ainda mais lenta transformação, muito bem assinalada na obra que dá o seu título à exposição, onde o choro da pedra corresponde ao seu desfazer ou transformar, daí que o entendimento dessas longas esculturas ascensionais nos apresente o movimento e a vida, animal ou vegetal, fossilizada. Figuras semelhantes como cogumelos, caracóis e conchas, aparecem como que em trânsito da fixação da pintura para o dinamismo do relevo.

O segundo espaço, uma cave, é bem mais simples, três pinturas e um muito pequeno relevo perpendicular à parede, as pinturas vão num crescendo dos 30x40, repetindo a maior e última do piso superior, aos 70x80, terminando no esplendor de uma “Situação Amarela” (187x154), enquanto o relevo quase não se vê, 10x8x5 cm. Uma iconografia de conchas domina este espaço: primeiro um musaranho espreita uma pequena concha, no que parece repetir o primeiro quadro da exposição,

onde um perfil humano se aproxima de uma pedra para a beijar; depois, erguida em primeiro plano, uma concha tapa o que poderia se uma paisagem banal de poente; seguidamente um relevo, “Concha-mão”, que deixa ver primeiro a mão e depois a concha voltada para a última pintura.

A “Concha-mão” não é uma pala, para ver melhor essa pintura, nem é um pequeno reservatório para beber, a sua posição vertical adequa-se à escuta, mas de quê? Só pode ser do quadro final um enorme espaço/muro amarelo assente sobre um plano onde vemos uma série de pequenas pedras e onde um coleóptero, meio humanoide na sua posição vertical, vai saltando de pedra em pedra. A “Concha-mão” estará ali para ouvirmos melhor os saltos do bicho, ou tão só para nos avisar que mais do que um sentido entra sempre no jogo do ver e que a “Situação Amarela” que termina a exposição é comparável a uma explosão que também deve ser ouvida.

No seu conjunto, toda esta pedra que chora pode ser lida como uma moderna natureza morta, sobretudo se utilizarmos a designação de vida quieta habitual no norte da Europa — não se trata aqui de fixação, mas de movimento, de morte, mas de vida: animal, vegetal e mineral num continuum que atravessa fronteiras e está sempre, mas sempre, a mudar, mesmo quando não nos apercebemos disso e assim podemos ver ou imaginar o invisível trânsito das coisas.



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:

[clubexpresso@expresso.impresa.pt](mailto:clubexpresso@expresso.impresa.pt)